

## **MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA NO PRIMEIRO ROTEIRO EXPOSITIVO SOBRE INTERVENÇÕES URBANAS DE PELOTAS**

**MARIANA BOUJADI MARIANO DA SILVA<sup>1</sup>; PEDRO LUÍS MACHADO SANCHES<sup>2</sup>**

*<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas <sup>1</sup> – mariana.boujadi@gmail.com<sup>1</sup>*

*<sup>2</sup>Pedro Sanches – plmsanches@yahoo.com.br<sup>2</sup>*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho é uma síntese do projeto de roteiro expositivo intervenções urbanas gráficas na região do Porto da cidade de Pelotas. Roteiro este desenvolvido como forma de extroversão para a pesquisa de iniciação científica “Acervos Imagéticos Circunstanciados” realizada durante os anos de 2014 a 2015.

Objetivou-se, para tanto, aproveitar todo o entorno da região do Porto da cidade de Pelotas como objeto expositivo, ou seja, os muros pixados, grafitados e/ou pintados com estêncil presentes na paisagem urbana da cidade, por possibilitarem uma intensa discussão dos aspectos antropológicos e conflitos sociais, além das características artísticas que compõe este cenário. Neste sentido tem-se, segundo MATOS; MIGLIANO (2010), que essas intervenções se materializam nos espaços públicos da cidade sob a forma de práticas de escrita, ou seja, ações táticas de ocupação de espaço e modo de expressão na cidade e na cultura urbana contemporânea.

A escolha do bairro do Porto para o roteiro expositivo deve-se à observação de uma concentração expressiva de intervenções urbanas gráficas nessa região, e as diferentes técnicas que podem ser observadas convivendo num mesmo espaço: pixações, grafites e estênceis, bem como as diferentes temáticas estampadas nos muros do bairro foram fator determinante para a escolha do Porto, e não outro bairro, como ponto de concentração do projeto de roteiro expográfico. Ainda neste sentido, atores sociais das intervenções urbanas trouxeram à pesquisa, através de entrevistas, justificativas para a escolha do bairro para seus trabalhos.

Tendo em vista que as intervenções urbanas se referem às artes realizadas fora do âmbito tradicional, ou sejam uma arte que integra a urbe, que se integra ao espaço público, que modifica a paisagem circundante, de modo permanente ou temporário

A arte que habita a rua é manifestação artísticas do povo, e assim, pode ser considerada como patrimônio (VILELA, 2010). Afinal, o termo Patrimônio Cultural se refere a um conjunto de bens materiais ou imateriais, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos da sociedade brasileira, que, pelo seu valor próprio, devem ser considerados de interesse relevante para a permanência e a identidade da cultura de um povo (BRASIL, 2010)

Nos últimos anos, a patrimonialização tem se relacionado de forma mais presente às intervenções urbanas, tem-se como exemplos as cidades de Bristol (Inglaterra), Valparaíso (Chile), Varsóvia (Polônia), Califórnia (EUA), Taipei (Taiwan) e Melbourne (Austrália) que tiveram seus grafites e/ ou pixações descriminalizados e reconhecidos culturalmente. Apesar deste ainda não ser o caso de Pelotas, considera-se relevante e representativa a presença das intervenções urbanas na cidade para diversos grupos.

Dessa forma, o projeto buscou, museologicamente, trazer a possibilidade de ressignificar signos cotidianos, trazendo a eles uma aura diferenciada, realizando

com as intervenções urbanas um processo de musealização, para MAROEVIC (1997) “Musealidade é o valor não material ou o significado de um objeto que nos dá o motivo de sua musealização”, tendo em vista que a patrimonialização e musealização convergem para o mesmo ponto, no qual o museu é um dos muitos possíveis aspectos do patrimônio e vice-versa, o conceito musealidade, entendido como o processo que permite os objetos viver dentro de um contexto museológico, não abrange apenas os objetos de museu, estendendo-se também à maior parte das qualidades não materiais do objeto ou dos conjuntos de patrimônio cultural (Soares apud MAROEVIC, 2012).

Museograficamente, buscou-se trabalhar o discurso expográfico alinhado aos novos conceitos museológicos, buscando estabelecer uma relação dialógica com o público. Segundo CHAGAS (1998), a comunicação em exposições pode ser definida nos termos da Teoria da Comunicação pela sua estrutura básica: emissor (os organizadores do discurso expositivo), canal (a exposição) e receptor (o público).

Ainda segundo CHAGAS (1998), para que haja uma melhor comunicabilidade o emissor deve, ao máximo possível, representar um conjunto de pessoas para que o desenvolvimento do discurso a ser disseminado seja mais democrático e rico.

Por isso, inclui-se, nos textos expositivos e no discurso estabelecido para as visitas guiadas, diversos pontos de vista de todos os participantes das relações estabelecidas através das intervenções urbanas para se conseguir incluir e representar os mais diversos setores do público, para que se pudessem promover debates e trocas de informação entre o emissor e o receptor, para que dessa forma haja interação, questionamentos e até conflitos.

Buscou-se também, ao se pensar em ações educativas para a exposição, aquelas que estabelecessem uma maior interatividade com o público, e uma intensa inserção dele na temática. Propôs-se, então, uma ação prática de onde o público possa experimentar técnicas e materiais utilizados para grafitar e pixar com o auxílio de pixadores e grafiteiros voluntários.

## **2. METODOLOGIA**

O trabalho de iniciação científica foi realizado através de uma metodologia teórico-prática, que inclui a análise bibliográfica de temas relacionados a grafites, pixações e intervenções urbanas gráficas, preservando a dissociabilidade. Contou-se com a leitura crítica de autores que as tratam através da ótica antropológica e arqueológica, como Rafael Souza de Abreu (2010) e Alexandre Barbosa Pereira (2012), e da ótica patrimonial e estética, através de autores como Andrede e Dirte (2008). Contou-se também com o apoio teórico de materiais audiovisuais como os documentários: Cidade Cinza (2012), Pixo (2009) e O Pixador (2008), fundamentais para compreender melhor o fenômeno das pixações e grafites nas cidades. Sobre comunicação em museus, exposição, musealização, musealidade e patrimonialização, contou-se com o referencial de, dentre outros, Tereza Scheiner, Stransky, Maroevic e Mario Chagas.

A questão prática adotada no trabalho relaciona-se às entrevistas semi-estruturadas, onde foram estabelecidos os principais tópicos a serem abordados durante as conversas, mas se permitiu uma total liberdade de respostas aos entrevistados. Elas foram realizadas tanto com pixadores e grafiteiros, como com moradores locais e proprietários de imóveis.

Realizaram-se visitas de campo que permitiram fotografar e inventariar os tipos de intervenções urbanas gráficas na região do Porto de Pelotas. Este levantamento permitiu estabelecer um roteiro expositivo, levando em conta as principais

separações temáticas que seriam incluídas no roteiro. Foram elas: as questões técnicas, os conflitos entre pixos, conflitos com os donos dos imóveis pixados, e outras relações sociais expostas nos muros pixados.

Através deste levantamento e do roteiro que se estabeleceu o público potencial para participar da atividade.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que o roteiro expositivo seja exequível, elaborou-se o projeto expositivo que contemplou todos os momentos que antecedem a exposição: 1- Definição do tema e finalidade da exposição; 2- Definição do público alvo: estabeleceu-se uma faixa etária superior aos 16 anos, devido aos temas abordados e expostos em algumas pixações possuírem um teor impróprio para menores; 3- A elaboração do roteiro através da planta baixa das ruas, concentrando-se nos pontos de paradas e nos temas que serão abordados em cada trecho; 4- A preparação da lista de materiais e orçamento necessário para a exposição; 5- A produção da identidade visual da exposição (FIGURA 1).

Juntamente à redação do projeto, definiu-se o tempo de duração da exposição e a época do ano para realiza-lo, da seguinte forma: Será realizado em agosto de 2015, e possuirá 5 dias de duração, com visitas-guiadas realizadas em dois turnos, um pela manhã a partir das 10:30 e um pela tarde, a partir das 14:30. O roteiro possui previsão de duração de 40 minutos e conta com 4 paradas para discussão dos temas abordados. Posteriormente será realizada a ação educativa de intervenção, cuja duração será de 20 minutos.

A rota foi elaborada para iniciar-se na Rua Santa Cruz e encerrar-se na Praça Domingos Rodrigues, como pode ser observado no plano a seguir (FIGURA 2):



Figura 1: Identidade visual a ser incluída nos prospectos. Fonte: Arte e diagramação Paula Weiner. Texto Mariana Boujadi.

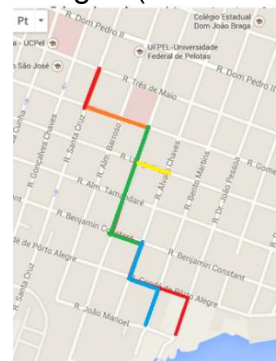


Figura 2: Rota expositiva. Fonte: Elaborada pela Equipe de Pesquisa: Mariana Boujadi e Pedro Sanches

Os trechos delimitados em vermelho representam os pontos de partida e encerramento, onde respectivamente serão abertas e encerradas as discussões sobre intervenções urbanas na cidade de Pelotas. O trecho em laranja delimita a parte do percurso onde o principal tema abordado são as técnicas, picho, grafite e estêncil. O trecho em verde representa a parte do percurso que trabalha os conflitos: os sociais, entre pixos e entre os moradores. O trecho amarelo trabalha as diferenças, ou não, entre pixação<sup>1</sup> e grafite. O trecho em azul trata questões sobre a história dos pixos na cidade.

Durante o percurso, a monitoria será realizada para público agendado e espontâneo em grupos de até 25 pessoas. Optou-se por uma metodologia de visitas-guiadas baseadas mais em questionamentos do que em afirmações. Os

<sup>1</sup> Foi preferida a grafia "pixação" em detrimento à "pichação" por ser o termo utilizado pelos próprios pixadores e pelas bibliografias especializadas indicarem este uso.

monitores serão extensionistas do projeto parceiro da rota expositiva, o Museu Arqueológico e Antropológico da UFPel (MAURAN-UFPel) que passarão previamente por uma oficina de preparação, onde serão discutidas as metodologias de extroversão museológica selecionadas para o acompanhamento do público e para a ação prática.

#### 4. CONCLUSÕES

A principal contribuição do trabalho relaciona-se à ótica utilizada para abordar as intervenções urbanas gráficas. Buscou-se observá-las, além do estético, antropológica e socialmente, e as expor no discurso dialógico expográfico estabelecido com os visitantes, permitindo-lhes experimentar o lugar do interventor, potencializando-lhes a experiência e favorecendo a coleta de dados acerca da percepção dos grafites e pixações em diferentes grupos sociais e da recepção de uma abordagem museológica sobre o tema.

Trata-se da primeira rota expositiva que convida o público de Pelotas a ressignificar espaços urbanos cotidianamente visitados, trazendo novas perspectivas e possibilitando reflexões e entendimentos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional nº 67, de 33 de dezembro de 2010. **Dispõe sobre o termo Patrimônio Cultural**. Disponível em: [http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_22.12.2010/art\\_216\\_.shtm](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_22.12.2010/art_216_.shtm) acesso em 10 jul.2015.
- CHAGAS, M. S. O Museu-Casa como problema: Comunicação e Educação como processo. **ANAIIS DO SEGUNDO SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASAS**. Rio de Janeiro. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998. p. 177-199.
- MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z.; BENCHEFRIT, A. F. (Org.). **Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. 392 p.
- MAROEVIC, I. **O Papel da Musealidade na preservação da memória**. In: SIMPÓSIO ANUAL MUSEOLOGIA E MEMÓRIA. ICOFOM. Comitê Internacional de museologia/ICOFOM. Paris, Conselho Internacional de Museus/ICOM, 1997.
- MATOS, D; MIGLIANO, M. Intervenções urbanas juvenis e a constituição de territórios simbólicos de resistência no centro de BH. **REVUES**. Belo Horizonte. v. 7, 2-10, 2010.
- PAULUSSI. **10 cidades onde o grafite virou patrimônio Cultural**. Globo Digital, Rio de Janeiro, 12 fev. 2014. Disponível em <http://gq.globo.com/Prazeres/Design/noticia/2014/02/10-cidades-onde-o-grafite-virou-patrimonio-cultural.html>
- SOARES, BCB. Magia, musealidade e musealização: conhecimento local e construção de sentido no Opô Afonja. **Revista Musear**. Ano 1, vol. 1, Ouro Preto, MG, 2012.
- SOUZA, D. A. Graffiti, Pichação e Outras Modalidades de Intervenção Urbana: caminhos e destinos da arte de rua brasileira.. **ENFOQUES**, Rio de Janeiro. v.7, n.1, 73-88, 2008.
- VILELA, C. **Cidade e Patrimônio Cultural**, 7 abr. 2010. Disponível em: <<http://blogdbiju.blogspot.com.br/2010/04/arte-cidade-e-patrimonio-cultural.html>> acesso em 06 jun. 2015.